

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 1 - Escolhendo a Forma de Governo

Deuteronômio 17:14-20 e I Samuel 1 a 10

Elaborado por Judson F. Marques
judsonfm@ig.com.br

Saudamos a todos participantes desta série de estudos com a graça e a paz do nosso Senhor Jesus Cristo.

A Monarquia em Israel é o título do tema, que iniciamos a desenvolver agora com base nos livros de Samuel, Reis e Crônicas em treze lições. Também encontramos informações sobre o período da monarquia em Israel em outros livros bíblicos como os dos profetas maiores e menores. Esse período é parte da história de Israel e está compreendido entre a liderança do profeta Samuel em 1060 a. C. e a do rei Ezequias em 586 a. C. num período aproximado de 474 anos.

Após a morte de Josué e antes do período da monarquia os filhos de Israel experimentaram uma forma de governo em que homens eram levantados por Deus para dirigir o povo em situações de necessidades específicas e ganhavam o nome de **Juiz**. Nesse período dos juizes, o povo hebreu já manifestava a vontade de mudar sua **forma de governo**. Queriam ser governados da mesma forma que os seus vizinhos. Deus já sabia que isto aconteceria, e por Moisés, em Dt 17.14-20, traça as principais recomendações. A divina presciência já mostrava as desvantagens de um reinado. Assim é que em Jz 8.22-23 o povo quis fazer de Gideão rei, mas ele não aceitou. Em Jz 9.5-6, Abimeleque, após ter matado seus setenta irmãos é promovido a rei pelos moradores de Siquém. Em Jz 17.6, 18.1, 19.1 e 21.25, há uma lamentação do povo, quase que contínua, tentando explicar e justificar a

causa dos maus acontecimentos, como sendo conseqüência da falta de rei em Israel. No livro de Juizes, nos capítulos 19 a 21, há o relato de crimes em Gibeá que provocam uma guerra interna entre os israelitas e quase extermina a tribo de Benjamim, Jz 21.2. Este relato no final do livro de Juizes mostra a situação de degradação moral que o povo de Israel chegou. Vemos também que as tribos se reúnem formando uma confederação ainda sem um órgão centralizador eficaz para tratarem de assuntos comuns como era aquela falta odiosa. Ainda nesse tempo dos Juizes não encontramos nenhum líder comparável a Moisés ou Josué.

O pacto feito por todo o povo de Israel, agrupados em tribos, na presença de Josué em Siquém, Js 24, estava sofrendo o **desgaste** da degradação moral, da vontade de ter uma forma de governo como a dos vizinhos e das guerras causadas pelos filisteus, amonitas, moabitas e edomitas. Estes fatores levam o povo de Israel a pedir um Rei.

O primeiro livro de Samuel conta como este iniciou sua história como sacerdote e depois juiz, a decadência e o fim do sacerdote e juiz Elí, e a passagem do período dos juizes para o dos reis com Saul e Davi.

Repete-se com os filhos de Samuel em 1Sm 8.1-5 os pecados que haviam acontecido com os filhos de Elí em 1Sm 2.22-25. Como podemos

observar pais ungidos não são garantias de filhos consagrados.

No livro de Samuel encontramos duas opiniões sobre a monarquia. Uma **contrária** em 1Sm 8.1-22, 10.18-25 e outra **favorável** em 1Sm nos capítulos 9 a 11 e 13 a 14. Em 1 Sm 8.5, 19-20, e 10.19 o povo de Israel, rejeitou a direção de Samuel alegando a sua velhice. Deus consultado por Samuel concorda em conceder um rei. Então Samuel cita os vários direitos dos reis a que o povo seria submetido, 1Sm 8.10-19. Embora o povo estivesse fartamente advertido dos prejuízos que adviriam daquela atitude de recusa à direção divina e imitação estrangeira, mesmo assim, se demonstram irredutíveis. Deus aceita atendê-los, mas não abre mão de ungir o Rei.

A partir do capítulo 9 de 1Samuel vemos a providência divina atuando nos vários fatos que se encaixam de forma surpreendente para revelar o rei **Saul** como sua escolha. Esta grande novidade transforma a confederação israelita em um arremedo de Estado nacional imitando os seus vizinhos. Era uma nova situação que precisava de regulamentação. Por isso Samuel explicou os direitos do novo rei e os escreveu num livro que foi colocado na presença do Deus Eterno, 1Sm 10.25. Emergem desta indicação dois fatos. O primeiro que o novo rei voltou para sua casa em Gibeá. Este fato significa dizer que o novo rei não teve toda a pompa que caracterizava a coroação e as homenagens. Teve apenas a aclamação “Viva o Rei” em 1Sm 10.24, pois Já fora ungido como relata 1Sm 10.1-16. O segundo fato foi a oposição manifestada claramente pela falta da doação de presentes que era costume fazer àqueles que alçavam posição elevada,

A contundente vitória obtida pelo povo de Israel sob a direção do novo rei na batalha contra os amonitas e o seu gesto de misericórdia com os seus

opositores conduz à confirmação de Saul como rei de Israel em Gilgal como relata 1Sm 11.14-15.

Embora originalmente o sistema monárquico não fosse o ideal de Deus, Saul continua na direção do povo de Israel. A pessoa do rei através da unção divina se torna sagrada. Ungido e messias são sinônimos pois são tradução e transcrição da palavra hebraica “masiah”. O rei também é um salvador como vimos há pouco Saul salvando os israelitas dos amonitas. Unção e salvação são os elementos que começam a apontar para o Rei messias já prometido desde Gênesis 3.15 e que se concretiza em Jesus, Mt 2.2 e Lc 2. 11.

Deus, o Senhor, continua conduzindo a história deste mundo e cumprirá todas as suas profecias. “Assim, só nos resta aguardarmos irrepreensíveis em santidade diante de nosso Pai, a vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos”, 1Ts 3.13.

Que Deus nos abençoe, em nome de Jesus, amém.